

Educação e a morte do homem

Rousas J. Rushdoony

Cerca de seis anos atrás, uma jovem que cursava Educação na universidade comentou sobre uma palestra do decano da instituição. Ele sublinhou a necessidade de separar a educação da escravidão à matéria abordada. Todas as áreas de estudo, afirmava com insistência, estão sujeitas a mudanças tão velozes que instruir uma criança em termos do conhecimento de hoje é pôr obstáculos ao futuro de sua mente instruindo-a com informações e conhecimentos que logo se tornariam obsoletos. A necessidade, disse ele, é educar para a mudança, para a constante mudança ou revolução, pois não existe um ponto fixo absoluto, e a mudança é o único fator permanente e constante no universo.

Levanta-se então uma pergunta lógica: Se a educação tem a ver com mudança, então, qual o seu conteúdo? Não ficaríamos, assim, com uma educação sem conteúdo, carente de significado e informação? Em certo sentido, é isso o que temos quando olhamos para o mundo. Todas as coisas se reduzem à mudança e não têm outro conteúdo. Todos os fatos, sejam mudança ou fluxo, são igualmente significativos e sem significado. Contudo, um fator permanece constante, a mente supostamente autônoma do homem, a qual, como juiz e árbitro final, determina que todas as coisas passam por mudança, e deste modo, as define. Ao reduzir todas as demais coisas como sem sentido, o homem estabelece sua mente como o padrão último, isolando-se do caos.

Um exemplo disto foi a discussão entre os cientistas responsáveis pelo vôo espacial à lua sobre a impossibilidade teórica de seu trabalho. Embora seus cálculos matemáticos fincassem o homem na lua, eles estavam teoricamente incrédulos de que pudessem fazê-lo. Para eles era um mistério como a lógica da mente humana, tal como esta se expressava matematicamente, podia ter alguma relação com o mundo da natureza, que é um mundo de feitos cegos e de contínua mudança. Para o cristão isto não representa problema algum. Deus é o criador de todas as coisas, portanto, é o Criador tanto do mundo material quanto da mente humana. Existe uma correlação entre a lógica matemática do homem e o universo físico porque ambos possuem um Criador comum,

cujas leis sustentam e enlaçam toda a realidade. Contudo, sem possuir tal fé, o Dr. Remo J. Ruffini, um físico de Princeton, declarou:

É um mistério como uma estrutura matemática pode corresponder à natureza. Uma forma de explicá-lo é simplesmente dizer que o idioma em que fala a natureza é o idioma da matemática. Isto resolve o problema. Com freqüência nos surpreendemos e maravilhamos com a correspondência que existe entre a matemática e a natureza, especialmente quando nosso experimento confirma que nosso modelo matemático descreve perfeitamente a natureza.¹

O Dr. Ruffini confessa que se sente “surpreendido” com a correlação, a qual posteriormente admite poder solucionar através da existência de Deus, mas isto não faz dele um crente. Aparentemente, é preferível negar a possibilidade teórica de uma correlação e significado antes de admitir a realidade de um Deus Criador.

A essência da posição anti-bíblica com respeito ao conhecimento é que é necessário entender para poder crer. Essa posição é básica para a filosofia grega, o escolasticismo, a filosofia moderna e todas as outras formas de humanismo. O resultado final desta insistência em uma compreensão autônoma é que não se consegue absolutamente nenhuma compreensão, e homens como Ruffini, que fazem parte de um dos mais espetaculares desafios científicos, negam que o que fizeram pode ser entendido.

A posição bíblica com respeito ao conhecimento foi apresentada de maneira concisa por Santo Anselmo: “Não busco entender para poder crer, mas crer para entender. Por isto também creio — porque a menos que crese, não poderia entender.”²

Portanto, o ponto de partida da educação cristã é a fé e a obediência ao pacto, enquanto o ponto de partida, e a finalidade, da educação humanista é a dúvida. O ponto de partida da fé significa que aceitamos o universo como criação de Deus e, portanto, sabemos que é possível um conhecimento válido desse universo. Por causa do fato da Criação, há uma total consistência entre todas as partes, e uma correlação entre a lógica da matemática e os fatos da natureza. De

¹ “The Princeton Galaxy”. Entrevistas realizadas por Florence Heltizer, em *Intellectual Digest*, III, 10 (Junio, 1973), p. 27.

² Santo Anselmo, “Proslogium”, em Sydney Norton Deane, tradução, *St. Anselm: Proslogium; Monologium, An Appendix in Behalf of the Fool by Gaunilon, and Cur Deus Homo*, p. 6s., Chicago: Open Court Publishing Co., 1935.

modo que cada tópico somente é compreensível de forma consistente em termos das premissas bíblicas.

Recordo da condenação de Sartre ao “espírito de seriedade”, e sua insistência de que o mais autêntico humanista ou existencialista é o bêbado, que está totalmente alheio a tudo, exceto a si mesmo. A *lógica* do humanismo requer que não aprendamos nada porque nenhum feito tem qualquer validade objetiva, e somos mais fiéis ao humanismo quando “fazemos do nosso jeito”, em total desacordo com Deus, com o homem, e com a natureza. O conselho da filosofia grega, “conhece-te a ti mesmo”, se converte finalmente no *único* conhecimento possível para o homem humanista. O problema então é que o homem não pode conhecer-se em um mundo sem significado, porque não existem critérios para o conhecimento, o discernimento nem o juízo. De fato, o homem percebe que é impossível ser totalmente humanista deste lado da existência. Como admite a existencialista Erica Jong com uma exatidão fatal: “O problema com o existencialismo é que não se pode deixar de pensar no futuro. As ações têm conseqüências.”³

A educação humanista, ao negar o significado do mundo ao nosso redor, não somente nega o conhecimento mas também o homem, porque o homem não pode viver no vácuo. Ele é uma criatura; não é autosuficiente, e, para o homem, negar a Deus é também negar-se a si mesmo. Isto foi, além de tudo, notado não só por Van Til mas também pelos humanistas que destacaram que a conclusão lógica da idéia da morte de Deus é a morte do homem. A. Malraux fez essa conexão⁴, Michel Foucault também proclamou a morte próxima do homem.⁵ Nos encontramos no fim de uma era, a era do humanismo, e o humanista está proclamando sua própria morte iminente.

É urgente, portanto, que os cristãos proclamem o renascimento do homem em Cristo e o renascimento da sociedade através da educação cristã. Em um mundo de homens agonizantes, o comando será dos vivos. Para tanto, é imperativo que cristãos maduros sejam treinados para exercer domínio em cada área da vida e pensamento. Muitos cristãos hoje são imaturos e pouco treinados em termos do conhecimento do pacto, e como resultado são cristãos incapazes. É

³ Erica Jong: *Fear of Flying*, p. 250.

⁴ E. W. Knight: *Literatura Considered as Philosophy*, p. 182. New York: Collier Books, 1962.

⁵ Roy McMullen, “Michel Foucault,” en *Horizon* XI, 4, Otoño, 1969, p. 37. Ver también R. J. Rushdoony: *The Word of Flux*; Fairfax, Virginia: Thoburn Press, 1975.

interessante notar que uma das palavras gregas do Novo Testamento traduzidas como “ignaro” ou “ignorante” é literalmente no grego *idiotes*. Seu significado moderno se encontra muito longe de seu significado original, porém existe uma conexão válida. O cristão ignorante ou “idiota” é ignorante da fé, e ignorante da conexão necessária entre todas as áreas da vida e pensamento com as pressuposições da fé bíblica. Sem o Deus trino e soberano não é possível nenhum conhecimento exceto sobre as premissas que se tomam emprestadas da fé bíblica. Com a fé no Deus da Escritura, chega a ser *obrigatório* termos uma educação cristã bem pensada e cujo significado perpassa todas as áreas da vida. Os cristãos têm a obrigação de desenvolver escolas primárias, secundárias, escolas técnicas, universidades e cursos de pós-graduação. A idéia da *universidade* é uma idéia cristã, e não pode durar muito tempo sem a fé em Deus, em um universo criado por Ele e uma estrutura de lei totalmente unificada e interrelacionada nesse universo. Sem essa fé, desaparecem a *unidade*, a *certeza* e a consistência do conhecimento.

Assim como a educação humanista está levando à morte do homem humanista, uma educação verdadeiramente cristã é a única que oferece vida ao homem e à sociedade em e através de Cristo.

Tradução: Márcio Santana Sobrinho

Fonte: The Philosophy of the Christian Curriculum, p. 101–104.